

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

REDACTOR PRINCIPAL — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — CARLOS MARIA COELHO

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 901

Sabado, 29 de Outubro de 1921

PREÇO 5 CENTAVOS

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Enderço telegráfico Talhoba-Lisboa — Telefone 5399

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Começou ontem e deve terminar hoje o julgamento dos supostos implicados na morte do dr. Pedro de Matos, juís do Tribunal de Defesa Social.

A manifestação de amanhã

Promovida pela Câmara Municipal de Lisboa está projectada para amanhã uma manifestação ao Presidente da República para a qual são convidadas todas as colectividades e classes sociais, incluindo as operárias.

Escusado é dizer que o operariado organizado não se fará representar. Basta tratar-se de uma manifestação política para que a C. G. T. se veja impossibilitada, pelos seus estatutos, de nela tomar parte. Sabemos, porém, que haverá quem nos objecte que não se trata de uma manifestação política, mas de uma manifestação cívica e nacional. Não perderemos tempo em demonstrar que assim não é, limitando-nos a fazer as considerações que a manifestação nos sugere. Quem provocou essa manifestação? A Câmara Municipal de Lisboa. E o que é a Câmara Municipal de Lisboa?

Um organismo dirigido por indivíduos eleitos pelas facções políticas para zelarem os interesses dos municípios da cidade de Lisboa. Ora o zelo com que essa vereação tem defendido os interesses dos habitantes de Lisboa é conhecido por todos. E' ler a imprensa, toda a imprensa unânime nas acusações de inepticia e de negligencia a actual vereação e acorrobora essa acusação ai está o despeito em que se encontram todos os serviços municipais. Política e não administração é o que tem feito essa vereação que para ai está e que devia ter sido dissolvida pelo acto revolucionário. Uma vereação destas não tem autoridade moral para promover manifestações nacionais. E qual é o fim das manifestações de amanhã? Diz a proclamação da Câmara Municipal aos cidadãos de Lisboa que é «pedir ao Chefe de Estado que continue no desampenho do seu alto magistério» visto que, segundo na cabeça da proclamação se lê, o Presidente da República pensou em resignar.

Mas se pensou é porque já não pensa o se o presidente da República desistiu do seu propósito de renúncia, como se diz, e por que motivos se faz a manifestação? Não teremos o direito de supor que se trata de uma especulação política? Não envolverá a manifestação ao presidente da República a significação de uma repulsa pelo actual ministério e pela actual situação política?

E que importa ao operariado este ou outro governo, esta ou outra situação política? Por ventura sabemos nós se a organização do ministério que o presidente da República almeja, é preferível ao ministério que está? Sabemos lá se a situação política presente é pior que aquela que os promotores da manifestação, por ventura, pretendem?

E, depois, porque pretende o presidente da República renunciar ao seu mandato? Nada mais lícito que esta pergunta pois que, até agora, não foram ainda ditos ao país os motivos do propósito da renúncia de S. Ex.ª O país ignora esses motivos. Eles continuam sendo segredo das camarilhas políticas.

Quem sabe se, conhecidos os motivos, nós teríamos de dar toda a razão ao chefe do Estado?

Que se o sr. dr. António José de Almeida renuncia a pátria es- «em perigo». Mas porque? Que perigos podem advir da sua renúncia? Ou seja por deficiência da nossa intelligencia ou seja pela nossa ignorancia do que se passa nos bastidores da politica, o que é certo é que não percebemos porque a vida da nação está dependente da resolução de um homem.

Esta coisa de convidar o povo a uma manifestação, sem que, previamente, se o illicite claramente das suas razões e dos seus objectivos, pode ser uma especulação a que nós, de modo algum, estamos dispostos a prestar o nosso concurso.

Demais, nós, prestando justiça ao alto patriotismo e à lúcida intelligencia do sr. dr. António José de Almeida, estamos certos de que, se o chefe do Estado visse que um grave perigo ameaçava a pátria se renunciasse, não precisava S. Ex.ª que lhe pedissemos para continuar no desempenho do seu alto magistério. Supor o contrario, seria uma ofensa à sua reconhecida intelligencia e ao seu inconcusso patriotismo.

Mas admitindo por hipótese que a situação criada pelos politicos ao presidente da República fosse tal que S. Ex.ª não pudesse continuar no desempenho do seu alto magistério, sem monseabo da sua honra pessoal e do seu carácter, ah! nesse caso seriamos nós, que temos o carácter e a coragem moral como os mais apreciáveis e nobres predicados do homem, — não seriamos nós quem iria forçá-lo a proceder contra os ditames da sua consciencia e da sua honorabilidade.

Concluindo pois: porque ao país não foram ainda ditos os motivos que levam o presidente da República a querer depôr o seu mandato nem os tais perigos que para a nação dessa renúncia podem advir, o operariado organizado não tomará parte na manifestação promovida pela vereação da Câmara Municipal de Lisboa.

O operariado já se não deixa conduzir às cegas, como um rebanho, para onde o queiram levar. E' muito possível que os motivos do pedido de renúncia e as consequências dela resultantes sejam, com justiça, julgados ponderosos e graves pelos senhores vereadores ou pelos jornalistas que pontificam nos grandes órgãos; mas, por certo que não quererão obrigar o operariado a seguir a sua opinião ou a pensar pela cabeça da vereação municipal de Lisboa.

Pelas mesmas razões expostas, o operariado organizado — a quem se impõe a mais absoluta neutralidade politica — não tomaria parte em qualquer contra-manifestação que, por ventura, se projectasse fazer.

Presos por questões sociais

Vão ser postos em liberdade seis dos que estavam entregues ao governo

A comissão pró-presos delegada da C. G. T. e dos revolucionários sociais voltou ontem a avistar-se com o ministro da justiça, a fim de ser informada da deliberação do conselho de ministros.

Foi-lhe comunicado que se estava procedendo à revisão de processos e que só hoje seria dada uma resposta definitiva.

Porém, à noite a comissão procurou o sr. presidente de ministério, que lhe declarou que iam ser postos em liberdade seis camaradas que se encontravam condenados e entregues ao governo, desconhecendo-se, por enquanto, os seus nomes.

A fim de tratar da situação do operariado italiano Giovanni Michaeli, a comissão falou com o ministro do interior e director da policia da segurança do estado, tendo-lhe sido prometido que lhe seguiria hoje para o Brasil, onde aje-

familia aguarda ansiosamente a sua chegada.

A C. G. T. enviou um telegrama ao governo reclamando a liberdade dos presos

A Confederação Geral do Trabalho enviou ontem ao conselho de ministros um telegrama do seguinte teor:

Conselho de ministro, ministério do Interior.

A Confederação Geral do Trabalho espera que nesse Conselho seja assinada a libertação dos presos por questões sociais. — *Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral.*

Delegação de Gaia do Sindicato Ferroviário da C. P.

Reúnem em assembleia geral os ferroviários da C. P., da delegação de Gaia, que, depois de apreciarem a situação do pessoal, resolveram enviar um telegrama ao presidente do ministério reclamando a libertação dos presos por questões sociais. Deliberaram também telegrafar ao presidente do conselho de administração da companhia instando pela satisfação das suas reclamações.

SERAO ABSOLVIDOS?

O julgamento de ontem

Contra os operários arguidos de ter morto o dr. Pedro de Matos não se fez sequer uma acusação concreta

O advogado de acusação ataca ferozmente

Começou ontem no 1.º Distrito Criminal, sob a presidencia do dr. Teixeira Coelho e em audiencia de jurí, o julgamento dos arguidos Sebastião da Graça, João Ferreira e Diogo Homénio Junior que o libelo do Ministério Público acusa de, em 5 de junho de 1920, terem morto o dr. Pedro de Matos, juiz do Tribunal de Defesa Social.

O operariado assiste ao julgamento com ansiedade — A obsessão do dr. Castro Lopes

Cerca das 13,30, procedeu-se à chamada das testemunhas, em número de dez, faltando oito. Fora da sala, na parte reservada ao público, viam-se muitas pessoas do meio operário, e na bancada da defesa alguns advogados assistiam ao julgamento.

Constituiu o Tribunal cerca das 13 horas, foi feita a leitura do processo.

Procedeu-se ao interrogatório dos réus. A defesa de Diogo Homénio estava a cargo do dr. Besson de Abreu; e de Sebastião Graça, dr. Sobral de Campos; João Ferreira, dr. Mário Monteiro.

O delegado do Ministério Público — provavelmente no intuito de arrastar uma vítima — encarnou-se em acusações contra Sebastião Graça, afirmando categoricamente — embora nenhuma das testemunhas o confirmassem, antes o negasse — que havia sido ele o autor do crime pelo facto de ser portador dum punhal.

Esta obsessão do delegado irritou extraordinariamente o público constituído em grande parte por operários. O dr. Sobral de Campos, servindo-se dum maneira clara, concisa das palavras das testemunhas de acusação, mostrou muito incoerente eram tais afirmações.

Uma das testemunhas de acusação, oficial da guarda-republicana, afirmou que

os réus serão hoje absolvidos.

Associação dos Cortadores de Lisboa

Em reunião dos corpos gerentes deste sindicato, foi apreciado o movimento encetado pelos organismos centrais do operariado para a libertação dos presos por questões sociais, resolvendo dar todo o seu apoio até completa satisfação das reclamações nesse sentido apresentadas.

Construção Civil de Palma

A Secção da Construção Civil de Palma enviou o seguinte telegrama ao presidente do ministério:

«A escola de militantes do organismo operário da construção civil de Palma, reclama a libertação dos presos por questões sociais. — *S. cretário, Marques.*»

Sindicato Unico Mobilário do Pôrto

Reúniu a comissão administrativa deste Sindicato, a qual apreciou as demarchas para a libertação dos presos por questões sociais, sendo por fim aprovado enviar ao presidente do ministério o seguinte telegrama:

«O Sindicato Unico dos Operários Mobilários do Pôrto reclama junto de V. Ex.ª a libertação dos presos por questões sociais. — *Almeida Pereira, secretário geral.*»

Na Póvoa de Varzim

POVOA DE VARZIM, 26.-C. — Tem sido muito apreciada a persistencia da C. G. T. para conseguir a libertação de todos os presos por questões sociais.

A U. S. O. desta vila e da Vila do Conde telegrafou ao presidente do ministério reclamando a liberdade dos nossos presos. O Centro e Biblioteca de Propaganda Social também telegrafou, fazendo indistincta reclamação.

Os telegramas foram do teor seguinte:

«A União dos Sindicatos Operários da Póvoa de Varzim — Vila do Conde, reclama a imediata libertação dos presos por questões sociais. — *Moreira, secretário.*»

«O Centro e Biblioteca de Propaganda Social da Póvoa de Varzim solicita liberdade urgente dos restantes presos por questões sociais. — *Macedo, secretário.*»

Núcleo Juventude Sindicalista do Pôrto

A comissão administrativa deste Núcleo, reunida para apreciar o movimento em prol dos presos por questões sociais, resolveu dar o seu incondicional apoio à C. G. T. e à F. J. S., solidarizando-se com qualquer movimento a levar à pratica para a libertação daqueles camaradas.

Empregados no Comércio de Santarem

A Associação dos Empregados no Comércio de Santarem telegrafou ao governo, reclamando a libertação dos presos por questões sociais, bem como o cumprimento integral da lei do descanso semanal e aprovação definitiva e imediata do regulamento a lei das 8 horas de trabalho, comunicando à C. G. T. que se solidarizava com as demarchas enviadas altivamente para satisfação das suas reclamações humanamente justas.

Em torno dos atentados

Um que tinha sido preso por lamentá-los

O sr. Albino da Cruz, chefe do serviço de reclamações e contratos das Companhias Retinidas Gaz e Electricidade, que havia sido preso, sob a acusação de apoiar o atentado contra o almirante Machado dos Santos, escreveu uma carta para os jornais participando ter sido posto em liberdade, por se ter provado a falsidade da acusação. Diz ter sido preso não por apoiar mas sim por lastimar a morte daquele republicano.

Os funcionários da Exploração do Pôrto de Lisboa protestam contra os atentados

A direcção desta colectividade em sua reunião efectuada ontem e após o tratar de assuntos de carácter administrativo, deliberou, por proposta do seu secretário Anibal d'Almeida Brandão, encerrar a sessão por 10 minutos em sinal de sentimento pela morte dos homens públicos, srs. J. Carlos da Maia, Machado dos Santos, Freitas da Silva, António Granjo, Botelho de Vasconcelos e do também desditoso chauffeur Carlos Gentil. Ficou exarada na acta tal demonstração, sendo resolvido official-se às famílias respectivas e Associação de Classe dos Chauffeurs a comunicar-lhes a resolução tomada, solidarizando-se com os protestos gerais em face dos ultimos atentados.

A situação da familia de Carlos Gentil

Tendo várias colectividades officias e operarias mostrado desejo de saber a morada da familia do chauffeur Carlos Gentil, há dias assassinado, podemos informar que sua pobre mãe, Justina da Conceição Gentil, mora na Calçada do Poço dos Mouros, n.º 21, 1.º andar direito, à Penha de França. Conta esta perto de 70 anos e encontra-se em situação bastante difficil pois o seu malogrado filho era quem a socorria quanto em sua força podia. Carlos Gentil deixou também n.º filho de 11 anos e uma filha com 7 anos e que se encontram actualmente em companhia da mãe, com quem Carlos Gentil não via há 6 anos.

Consta-nos ter sido resolvido dar uma pensão de 300 escudos às familias dos politicos assassinados e só 150 escudos à de Carlos Gentil.

DUAS RECUSAS

Informam-nos que o sr. ministro da marinha apenas convidou dois officias, um para chefe de gabinete e outro para ajudante, que recusaram por motivos imperiosos de carácter particular.

T. M. E.

Foi solicitada ao ministério da justiça a nomeação de um magistrado para proceder a um inquerito a todos os serviços dos Transportes Marítimos do Estado.

O capitão tenente sr. Peres Trancoso, ex-comissario geral dos abastecimentos, teve ontem demorada conferencia com o sr. ministro do comércio, ao que parece, acerca da futura organização dos serviços dos Transportes Marítimos do Estado.

DELIBERAÇÃO QUE SE IMPÕE

No dia 1 do próximo mês de Novembro «A Batalha» passará a ser vendida a 10 centavos

Quem conheça as despesas que um jornal de quatro páginas acarreta, deve certamente admirar-se de *A Batalha* se vender a \$05.

Essa admiração sobre ao saber-se, como até os nossos inimigos sabem, que por detrás dela não está nenhum grupo de financeiros, impondo o escamoteio da verdade.

Os que conhecem o jornalismo sob o ponto de vista administrativo tem razão em se admirar.

De facto *A Batalha* não pode vender-se ao preço de hoje.

Não faltará também quem faça velhacamente a seguinte interogação:

Se não se podia manter ao preço de \$05, porque não o elevou a \$10 no dia em que passou a ter o dobro das páginas e se lhe introduziu outros melhoramentos importantes?

Nessa occasião seria justificado o aumento, embora hoje não o deixo de ser.

Aos que assim possam falar, diremos: Sempre tivemos relutancia em aumentar o preço do jornal e tinhamos o desejo forte de manter o preço antigo.

Para isso contavamos com o produto das cotizações que a C. G. T. nos devia entregar. Mas essas cotizações não vieram, nem a C. G. T. podia entregá-las quando os sindicatos lh'as estão devendo.

Resistimos quanto nos foi possível para ela ser vendida ao preço actual. Hoje vimos lealmente dizer aos nossos camaradas e a todos os nossos leitores:

Não podemos manter o preço de \$05. Ele acarreta-nos um prejuizo incomportavel com as nossas possibilidades financeiras.

Dois alternativas se nos apresentavam: ou regressar ao regime de duas páginas ou elevar o preço para \$10.

Rapidamente considerámos que *A Batalha* não poderia com duas páginas atender às necessidades do actual momento.

Por isso, entendemos preferível manter as quatro páginas, e passar a ser vendida a \$10.

Não fique também o operariado supondo que a situação de *A Batalha* passará a ser desafogada.

Infelizmente, nem assim conseguimos viver sem o carinho e dedicado auxilio do operariado.

No dia que ele falta *A Batalha* faltará também.

Que não esqueça isto o operariado!

A audácia dos especuladores

O custo da vida sobe desmedidamente

O movimento revolucionário preocupou todas as atenções. Os assassinos vieram buscar todos os momentos que o trabalho deixa livres arrebatando-os para as narrativas dramáticas dos jornais.

Os grandes colossos do jornalismo, deixando na sombra o assassinato covarde do chauffeur Gentil, porque um chauffeur pouco os interessa, agarrou-se aos dos vultos politicos e especulou com o sentimentalismo dos habitantes desta terra, impingindo em doses imoderadas detalhes capazes de o interessar.

Não querem estas considerações dizer que não nos revoltaram os atentados. Mas, não podemos admitir com a nossa cumplicidade um crime que se está cometendo, contra milhões de seres humanos. Porém, como a imprensa tem pintado a negro, à Ponson da Ter-raill os acontecimentos, a nossa imaginação fogo para uma frase dum drama de Sardou:

«Condumam o morto à vala e o vivo à força.»

Sardou quando fazia as suas peças com recheio de frases bombásticas, dizia radiante:

«Isto vai dar ouro em barra!»

Acontece que enquanto as atenções gerais convergem sobre os acontecimentos, uns cavalheiros habéis, muitos industriais, aproveitam-se dessa lamentavel distração para nos roubar.

Nós não nos deixámos inpotizar a ponto de não repararmos nos manejos dos mercieiros. Esses empederados exploradores aumentam desmedidamente o preço dos generos.

A vida, dos acontecimentos para cá, tem encapecido enormemente. E ninguém aparece a protestar contra as suas criminosas manobras, contra esses especuladores destituídos de escrúpulos.

Os mercieiros apanharam os consumidores a olhar, muito entreditos, para os acontecimentos. Perceberam que o momento era favorável à realização de maiores lucros e lançaram mão, descaradamente, dum recurso ilicito para defraudar os consumidores, elevando desmedidamente o custo da vida.

Deliberámos dizer a todos que no manejo mercieiroso não repararam que é necessário protestarem, com energia, contra semelhante audácia.

Lembrem-se de que a vida está subindo e que isso constitue um gravissimo atentado contra milhões de vidas, e deixem de pasmar diante dos atentados politicos, já devidamente assinalados e condenados.

Mas, se querem, voltemos aos acontecimentos e preguntamos que força tem este governo que consente que umas centenas de mercieiros, estejam tornando a vida impossivel a todos que não são... mercieiros.

Para que serviu esta revolução?

Se foi para os mercieiros fazerem maiores lucros, os mercieiros que lhe agradeçam.

E não continuaremos protestando contra um governo que se deixa mistificar por mercieiros, e contra os mercieiros que estão roubando os consumidores.

O momento internacional

NOS ESTADOS UNIDOS

O eco dos protestos contra a condenação de Sacco e Vanzetti

As manifestações realiza das por toda a Europa contra as condenações de Sacco e Vanzetti tem provocado medidas de ordem muito rigorosa na América do Norte, tendo sido colocada nas proximidades do domicilio de Hughes, o secretário de estado dos negócios estrangeiros, uma guarda de policia secreta, assim como na habitação do juiz Thayer, que presidiu ao julgamento dos dois anarquistas italianos.

NA FRANÇA

Apesar das provocações dos patrões a greve no norte continua

Para protestar contra as múltiplas provocações dos patrões, o comité da greve têxtil afixou uma proclamação, protestando contra as brutalidades da policia, a hipocrisia e as denuncias da imprensa burguesa.

Nela pede aos grevistas que não deem lugar à repetição dos acontecimentos de Fourmies, Villeneuve-Saint Georges e Raon-l'Étape.

Um «meeting» monstro em Paris pró-Sacco e Vanzetti

Reúnem-se na sala Wagram em Paris quinze mil pessoas, reclamando a libertação dos anarquistas italianos Sacco e Vanzetti condenados à morte pelo tribunal de Boston.

A' saída houve conflito sério com a policia, tendo explodido uma bomba, que feriu cinco manifestantes e 4 policias.

NOS ESTADOS UNIDOS

Eugénio Debs vai ser posto em liberdade

O jornal «New Yorker Volkszeitung» escreveu que o procurador geral Daugherty, convencido de que Eugénio Debs não chegará a cumprir, em vista da sua idade e estado de saúde, a sentença a que foi condemnado pela sua propaganda contra os armamentos e recrutamento militar, propôs que fosse posto em liberdade o grande organizador socialista, tendo já apresentado para este fim um memorial ao presidente Harding.

A greve dos ferroviários norte-americanos.

As ameaças da greve geral dos ferroviários da América do Norte tornam-se cada vez mais serias e parece que se vão realizar.

Os ferroviários da «International and Greatnorther Railway» do Texas já

abandonaram o trabalho e pode-se ver que esta greve parcial seja o início de todo o movimento.

NA HUNGRIA

A aventura de Carlos Habsburgo.

Como uma consequência da politica reaccionária da Entente na Europa Central — a qual com o receio do perigo vermelho tem por lá sempre apoiado todos os manejos dos conservadores — deu-se na Hungria mais uma tentativa de restauração monárquica.

Como das outras vezes novamente fracassou este movimento, pois que o proletariado húngaro não mostra desejos de fazer reviver o antigo dominio da dinastia dos Habsburgos, de sinistra memoria.

A este proposito, o partido social-democrata da Tchecoslováquia dirigiu um apêlo ao proletariado da França, Italia, Inglaterra e Belgica, convidando-o a manifestar-se contra a restauração dos tronos na Europa Central e a exigir a regularização definitiva da questão dos Habsburgos na Hungria.

PELA INSTRUÇÃO

Na sede do Sindicato Metalúrgico vai ser estabelecida uma Secção da Universidade Popular

Obedecendo ao programa da actual Comissão de Melhoramentos do Sindicato Unico Metalúrgico, respeitante à instrução e educação a ministrará a classe, e de acordo com a direcção da prestimosa colectividade que a seu cargo tomou a elevada missão de contribuir para a educação das classes trabalhadoras, vai brevemente ser inaugurada neste Sindicato mais uma secção da Universidade Popular.

Das demarchas realizadas entre a Comissão de Melhoramentos do Sindicato e o prestimoso e intelligente professor Ferreira de Macedo, um dos directores da Universidade, não só ficou assente a idea da instalação da Secção, como também a sua coadjuvação para que as aulas do Sindicato e de suas respectivas secções comecem funcionando o mais breve possível, com professoras ou professoras que são da confiança da Universidade e que pela sua educação áquela instituição de ensino e educação muito poderão contribuir para o levantamento moral da classe metalúrgica, ministrando-lhe a instrução e educação de que tanto carece.

POR BEM

Enterrados os mortos, cuidemos dos vivos

Depois de que se tem passado em Portugal, nos últimos cinco ou seis anos, isto é, depois da guerra e sobretudo depois do que tem ocorrido nos últimos dias; com os navios de guerra estrangeiros ancorados no Tejo e certos rumores correntes que não constituem segredo para ninguém, era lícito esperar que a vida tivesse barratado, com o que o comércio, que não se cansa de afirmar o seu patriotismo, poderia provar que o seu patriotismo, poderia provar que o seu patriotismo, poderia provar que o seu patriotismo...

Bem quereria eu que os ódios e malquerenças se apacesssem no momento terrível que decorre e que jamais tivessem recidiva.

Bem quereria eu que a ganância desenfreada que tem posto este país a saque, moderasse os seus ímpetus, de maneira, pelo menos, que as classes proletárias e a classe média não se vissem obrigadas a pedir aumento de salário ou ordenado.

Bem quereria eu que, ainda à custa de algum sacrifício, o comércio e a agricultura, competendo-se dos seus deveres para com a Nação e no seu próprio interesse, facilitassem a acção dos actuais governantes e daqueles que se veem a suceder-lhes, reduzindo os seus salarios de venda e revenda ao mínimo possível, embora de maneira a não perderem nos seus negócios.

Vejo, porém e com infinita mágoa, que ninguém quer saber das desgraças alheias e que todos aqueles que nos poderiam concorrer para conjurar a catástrofe nacional que está eminente, procuram, apenas, puchar a brasa à sua sardinha, sem se preocuparem, nem ao de leve, com o terrível amanhã que nos aguarda, a todos nós, portugueses.

Anda se os verdadeiros culpados e causadores dessa desgraça fossem os filhos a sofrer-lhe as consequências não haveria motivo para sobressaltos e apontamentos.

Mas como eu tenho a certeza de que também os filhos não têm de pagar pelos outros que o não são é por isso que venho a público com estes reparos, como simples advertência que eu desejo que não se converta num sermão pregado num deserto a cegos-surdo-mudos.

Eu não sei onde se ocultam ou refugiam neste momento angustioso todos aqueles que possuem o dom elevado de palavra escrita ou falada que vence e convence e que de todo emudeceram na paralisia do terror como cobardes ou dementes que fugissem ao ver assassinar a própria mãe.

Não compreendo a desunião da imprensa jornalística nem a infaustosidade dos partidos, como não compreendo o injustificável divórcio da família portuguesa no momento em que se decide o seu destino e em que a Nação, mãe comum de todos, ferida mortalmente, espera e deseja vê-los todos reunidos como irmãos, em torno do seu leito d'agonia, podendo ainda salvar-se por um milagre de amor que depende, principalmente, de alguns momentos de reflexão e de prudência.

Eu não sou de maneira alguma um patriota à maneira daqueles que como nós se proclamam, colocando os seus interesses pessoais, as suas ambições mesquinhas, a sua caíca forte e os interesses do seu partido acima dos superiores interesses nacionais, mas sou um patriota afectivo.

A Pátria, para mim, é o lugar em que nasci; onde confiei meus pais e meus irmãos, a minha triste companheira liditosa e os meus filhos, os meus professores, os meus condiscipulos, os meus camaradas, os meus amigos e um povo inteiro que fala um idioma que é o meu e que, sendo bom como é, padece os males que eu padeço.

Anda não o disse, mas devo dizê-lo agora: eu poderia estar morto porque tive muitas ocasiões de o ser, fazendo o que muitos outros fizeram e estão fazendo e não devem nem devam fazer. Freirei, porém, centos de vezes, a fome negra; os dias de pão e água; a venda do último agasalho, no inverno; a carencia do menor conforto; a miséria horrível que vem da falta de canis; a falta dum cigarro, do que aliás, não me arrependo, isto quanto

A BATALHA

A BATALHA no Porto

No Sindicato Unico da Industria de Calçado, Couros e Peles é dada a adesão à C. G. T. para qualquer movimento a favor da libertação dos presos por questões sociais

PORTO, 26.—Nasceu da sua associação respectiva, à rua do Bom Jardim, reuniu-se ontem, em assembleia magna, a numerosa classe da industria dos manufactores de calçado, couros e peles. Expostos os fins, pelo presidente, a que obedeceu a reunião—a libertação dos presos por questões sociais—falarão vários camaradas, entre elles Bento da Cruz e Serafim dos Anjos. Nas suas considerações, muito ponderadas e serenas, salientaram os sofrimentos que tem tido os presos por questões sociais, que outra coisa não são do que perseguidos desta sociedade maldrastra. Ao mesmo tempo que patentearam as artimanhas de que se tem servido a justiça burguesa e os governos para prenderem e conservarem encarcerados aqueles que tem animo de se revoltar contra as prepotências sociais, reclamando activamente os seus direitos negados e preconizando uma sociedade mais justa, mais igualitaria e mais livre, no triplo sentido politico, economico e social—frizaram também, e para este facto chamaram bem a atenção da assistência, que os presos por questões politicas já foram restituídos à liberdade. Dever-se-á esta circunstancia à acção mais enérgica dos politicos? Talvez. O que, porém, é necessário—todos os oradores foram concordes—é que o operariado faça o mesmo em favor dos seus camaradas presos e victimas do odio patronal ou governamental, indo até onde for preciso. Nesta reunião magna também foi tratada a questão do chauffeur Amado, vítima dos odios de Alfredo da Cunha, seu ex-patrão, e dos preconceitos antiquados e convencionaes para um sistema social corrupto e immoral. Debatido bem o assunto e reconhecida a necessidade do operariado em geral iniciar um movimento enérgico pró-presos por questões sociais, de harmonia com a C. G. T., foi unanimemente aprovada esta moção:

«Os componentes da industria de calçado, couros e peles do Porto, reunidos em sessão magna na sede do seu sindicato, constatarem que o movimento encetado pela C. G. T., no sentido de libertar todos os camaradas que actualmente se encontram encarcerados da Republica devido a questões sociais, é nobre e justo, dignificando bem a organização, e resolve: Reclamar, telegraficamente, do governo, a immediata libertação de todos os camaradas presos por questões sociais; 2.º Proporem-se para, por todas as formas, secundar o movimento que porventura a C. G. T. seja conduzida a fazer, no sentido de impor a immediata libertação de todos os detidos, em virtude dos casos apontados.—Felsberto Baptista.»

Como na quinta-feira passada, em virtude dos acontecimentos politicos, não foi possível effectuar-se a assembleia magna para tratar da questão do pão, foi também nesta reunião abordado este magno assunto, ficando resolvido dar a adesão à U. S. O. para o encetamento do tipo-único de pão e farinha.

Na industria de calçado, couros e peles está-se organizando uma secção da juventude sindicalista, para o que tem havido diferentes reuniões. Ela propõe-se educar revolucionariamente os seus camaradas novos, para que na classe a que pertence seja insuflada uma outra vida e, por consequencia, uma outra actividade. Que os seus esforços sejam ceoroados de éxito.

Esta Comissão, como já está, aliás, sufficientemente reconhecido, tem sido incansável na missão para que foi nomeada na Conferencia Inter-sindical da organização do Porto. Procura todas as formas de exercer a sua actividade, não se poupando a esforços, na ansia de que muito em breve seja construída a ambicionada Casa dos Trabalhadores. Para não desmentir, pois, a sua exemplar accção, depois das duas excursões a Braga e Póvoa de Varzim, que foram duas apoteoses de propaganda, resolveu promover um grande festival operário no Palácio do Cristal, para o qual já encetou vários trabalhos nesse sentido, que contando com valiosos elementos para o luzimento da festaeja o maior possível. No programa, que brevemente será publicado, entre outros números, figurará um concerto por duas tardes, espectáculo por um dos melhores grupos dramáticos, exercícios atléticos e de

gimnastica, uma conferencia, etc. A Comissão referida vai officiar a todos os organismos solicitando-lhes a sua coadjuvancia necessária.

A Juventude Sindicalista do Porto já que falei em actividades, é justo não esquecer também a que tem exercido, nos últimos tempos, a Juventude Sindicalista desta cidade e suas respectivas secções. Ainda está na memoria de todos, aqueles três dias de festa que a juventude effectou, há meses, no jardim pertencente à União dos Empregados do Comércio, onde o nosso amigo Cristiano de Carvalho realizou uma das suas mais brilhantes conferencias. Pois agora a secção sindicalista metalúrgica resolveu considerar novembro o mês da Velada Social, com um programa interessante. Todos os sábados do referido mês, no salão do sindicato, devidamente ornamentado, haverá festas de propaganda para todos os metalúrgicos e suas familias.

Estas festas serão nocturnas, havendo em todas uma conferencia, por um dos melhores conferencistas operários, querentes de prendas, effectadas pelas companhias de todos os camaradas, que assim contribuirão, com o seu auxilio, em surpresas, segredos, coisas, enfim, que deem brilho a estas festas de familia operaria, canções sociais, por diversos cultivadores operários, cantos ao desafio, recitativos sociais e cómicos, canções, etc. E então o mais interessante é isto: Ura deliciosa chavena de chá offerecida a todos os presentes, e servida por um grupo de graciosos jovens, sócios do Núcleo Juventude Sindicalista do Porto.

Para que estas sessões festivas e de propaganda se revistam dum grande brilhantismo, foi distribuído profusamente um manifesto, em forma de conversação. Esperemos pelo mês de Novembro, que está à porta.

Um fallar o pão? Neste momento em que o operariado desta cidade, bem como o de todo o país, está a reclamar o tipo único de pão e de farinha, assim como o envio desta em abundancia para que o primario género alimentar não escasseie, falasse em que vai fallar as farinhas no Porto, já principiou pelo quartel da Bela Vista. Mas como isto de ter a troupa sem pão é um caso mais bicudo, visto que ela está armada e tem mais probabilidades de éxito num saque justo aos assombardadores e moageiros, as novas autoridades administrativas, fazendo raras os automóveis e campanhas de telefonos, conseguiram-lhe algum daquelle cereal para uns tantos dias. Quanto à população, que as novas autoridades, como as antigas, consideram num objecto secundario, essa está na dura contingencia, ao que se diz, e que acreditamos ser verdade, de ficar sem pão.

Como nunca protesta e é de bom comer, esta circumstancia não criará engodos ao governo revolucionario, que nos prometeu cultivar os campos... com vinhas, posto que o novo ministro da Agricultura é um rico vinhateiro de Douro. E como aquela bebida alcoolica é um bom amnésico, o povo não terá a sensação a fome e todo o problema ficará resolvido.

A Carris concede passes A direcção da Companhia de Carris de Ferro remeteu ao presidente do ministério um officio notificando que vai conceder assinaturnas nos seus carros, em harmonia com o convenio de 29 de Novembro de 1920.

Colhido por um carro No enfermaria de Santa Quiteria do hospital da Estação dea ourem entrada Nuno, Marques de 10 anos, filho de Matias de Marilim da Conceição, natural e residente em Setúbal, que em Palmela foi colhido pela roda de um carro ficando muito contuso pelo corpo.

Acceptam-se agentes e correspondentes nas terras onde ainda os não haja Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Noticias

Está já contratada toda a companhia de circo que, sob a direcção de Mr. Leonard Parish, empresário e director do Circo Parisis de Madrid, faz a sua estreia no Coliseu dos Recreios no proximo dia 5 de Novembro. Da companhia fazem parte as maiores celebridades do género que no estrangeiro tem alcançado grande successo.

Na segunda-feira, faz-se em imprevisivelmente a primeira representação, em segunda recita de assinatura, da peça russa Sol de Aldeia, traducção do sr. António Horta e Costa, em que se estreia a actriz B unilde Jádice Caruson.

O Canteleiro Fardado, a Criada Moderna, e a Beata figuram que intencionadamente se acham metidos na sua revista do Apolo, não são dos numeros que menos relevo deem a Gato por Lebre. Na primeira, o chistoso actor Armando Machado encarna, com a maior felicidade, um comediante tipo popular da Lisboa; na segunda, há uma ironia, entre risonha e amargura, com a maior felicidade, um comediante tipo popular da Lisboa; na terceira, a formosa actriz Carmen M. rinas, vinca bem e com graça, o propósito critico do autor.

Da noite e amanhã os seus últimos espectadores no Politeama a engraçada e fiavelissima comedia A rapa, em que toda a companhia Lucina Simão tem uma interpretação soberbissima.

Esta noite, no Nacional, a inauguração da temporada de inverno, indo a scena em 1.ª recita de assinatura a interessantissima peça de D. João da Câmara, D. Afonso VI mezes de prendas, effectadas pelas companhias de todos os camaradas, que assim contribuirão, com o seu auxilio, em surpresas, segredos, coisas, enfim, que deem brilho a estas festas de familia operaria, canções sociais, por diversos cultivadores operários, cantos ao desafio, recitativos sociais e cómicos, canções, etc. E então o mais interessante é isto: Ura deliciosa chavena de chá offerecida a todos os presentes, e servida por um grupo de graciosos jovens, sócios do Núcleo Juventude Sindicalista do Porto.

Para que estas sessões festivas e de propaganda se revistam dum grande brilhantismo, foi distribuído profusamente um manifesto, em forma de conversação. Esperemos pelo mês de Novembro, que está à porta.

Um fallar o pão? Neste momento em que o operariado desta cidade, bem como o de todo o país, está a reclamar o tipo único de pão e de farinha, assim como o envio desta em abundancia para que o primario género alimentar não escasseie, falasse em que vai fallar as farinhas no Porto, já principiou pelo quartel da Bela Vista. Mas como isto de ter a troupa sem pão é um caso mais bicudo, visto que ela está armada e tem mais probabilidades de éxito num saque justo aos assombardadores e moageiros, as novas autoridades administrativas, fazendo raras os automóveis e campanhas de telefonos, conseguiram-lhe algum daquelle cereal para uns tantos dias. Quanto à população, que as novas autoridades, como as antigas, consideram num objecto secundario, essa está na dura contingencia, ao que se diz, e que acreditamos ser verdade, de ficar sem pão.

Como nunca protesta e é de bom comer, esta circumstancia não criará engodos ao governo revolucionario, que nos prometeu cultivar os campos... com vinhas, posto que o novo ministro da Agricultura é um rico vinhateiro de Douro. E como aquela bebida alcoolica é um bom amnésico, o povo não terá a sensação a fome e todo o problema ficará resolvido.

A Carris concede passes A direcção da Companhia de Carris de Ferro remeteu ao presidente do ministério um officio notificando que vai conceder assinaturnas nos seus carros, em harmonia com o convenio de 29 de Novembro de 1920.

Colhido por um carro No enfermaria de Santa Quiteria do hospital da Estação dea ourem entrada Nuno, Marques de 10 anos, filho de Matias de Marilim da Conceição, natural e residente em Setúbal, que em Palmela foi colhido pela roda de um carro ficando muito contuso pelo corpo.

Acceptam-se agentes e correspondentes nas terras onde ainda os não haja Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

Classes que reclamam

Pessoal extraordinário dos tabacos

A comissão delegada desta classe, acompanhada de um grupo de operários afastados do serviço pela Companhia por motivo da última greve, procurou ontem mais uma vez o ministro das finanças a fim de junto dele advogar a readmissão do mesmo pessoal.

Não sendo possível falar-lhe, por se encontrar em conselho de ministros, foi recebida pelo seu secretário, a quem também pôs ao facto do assunto que ali a levava. O referido senhor, prometteu interessar-se por tan justa causa, patrocinando-a junto do ministro.

Em seguida dirigiu-se ao Conselho da Companhia onde falou com um dos membros do referido Conselho.

Procurou também avistar-se com o commissário do governo junto da Companhia, mas não conseguiu falar-lhe por se encontrar ausente.

As comissões proseguem nos seus trabalhos na próxima semana, confiadas estando de que justiça seja feita a estes operários, por da mesma justiça serem merecedores, visto que nenhum crime cometeram para continuarem afastados da Companhia.

Uma agressão

No banco do hospital de São José recebeu curativo seguido depois para casa Joaquim Duarte, de 29 anos, criado de servir, residente na rua de Santo António dos Capuchos 33, que foi agredido na mesma rua ficando ferido na cabeça.

Mordido por um cavalo

No banco do hospital de São José recebeu curativo seguido depois para casa Adelino Augusto Valente, de 7 anos, residente na rua Miguel Bombarda em Casilhas, que foi mordido por um cavalo, que lhe decepou um dente da mão direita.

Explicador

Estudante de direito, com pratica de ensino, encarrega-se de explicações do curso de licen. Trata-se na administração da Batalha.

A BATALHA

Encontra-se à venda em todo o país, nas tabacarias, quiosques e outros locais de venda de todas as publicações.

A BATALHA

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º—LISBOA TELEFONE: 5339 C. ASSINATURAS: Pagamento adiantado LISBOA, 1 mês, 1540; 3 meses, 4800; PROVINCIA, ILHAS E ESPANHA, 3 meses, 4800; 6 meses, 8500; COLONIAS PORTUGUEZAS, 6 meses, 11950; 1 ano, 23800.

PAÍSES ESTRANGEIROS:

6 meses, 19550; 1 ano, 39500

MOVIMENTO MARITIMO

Para sair estão escalados os seguintes vapores: «Limburgia», idem... «Roma», Ponta Delgada, Providence, «Novas York».

Dr. Afonso Manaças

Sifilis, Coração e pulmões. Clínica geral e de Orlanças. Todos os dias 18 horas. CLASSES POBRES. Rua do Amparo, 82, 1.º. Tel.: Central 2688.

A. MACHADO

Canções Sociais O. I.º de Maio e o Sindicalismo Cada 105 Pedidos acompanhados da respectiva importância à administração de A Batalha.

TRABALHADORES, LEDE

A NOVELA VERMELHA

Romance inédito por MARIO DOMINGUES

A REVOLTA DA CARNE

SEGUNDA PARTE

Do adultério à prostituição

CAPITULO VI: Uma surpresa

A despeito de ter lidado com algumas mulheres, não conhecia a mulher. As que tivera por amantes não eram mulheres, eram fêmeas. E, nos momentos calmos, em que o individuo, encaminhando-se, penetra ao fundo da sua própria consciência; em que se tem a visão da tendencia natural do nosso ser psiquico, encontrava-se plenamente pacato, de ambições ingenuas. Gostaria de possuir por companheira íntima uma mulher ideal, beleza serena e carinho fidalgo, que lhe advinhasse os mais recatados pensamentos.

Quantas vezes—sonhador, desejo de lhe revelar o segredo lindo que lhe enchia o cérebro, prestes a dizer-lhe que era ela o seu sonho constante, a companheira preferida—murmurava suavemente ao ouvido da Lili que a sua maior ambição seria uma casita longinqua, fora do balcão, da loucura estonteante da cidade.

—Lili, ama-a, amo-a! Estou loucamente apaixonado por si! Cessou de súbito aquela alegria descuidada, que os fazia tagarelar à toa. Um silencio profundo caiu sobre as palavras exaltadas do pintor. Lili, confusamente, olhou com insistencia a relva viçosa. Jorge repetiu, pleno de coragem, decidido a obter uma resposta nitida, como a claridade cegante desse dia de Maio: —Amo-a Lili!... Responda-me, diga-me se me ama!...

A esposa do comerciante, as faces carminadas de rubor intenso, num movimento irresistivel, caiu nos braços do pintor, ocultando-lhe no peito a cabeça tonta e os olhos molhados de lágrimas. —Amo-te Jorge...—ciciou baixinho, diluindo-se a sua voz no murmúrio harmonioso da brisa húmida que sabia do rio iluminado pelo sol.

Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

A Lili entrou cambaleante, desmaiando-lhe nos braços. Conservaram-se muito tempo abraçados e silenciosos, receando falar, desmoronar com alguma palavra os mil pensamentos lindos que bailavam nos seus cérebros juvenis. Jorge, des-nortado pela alegria estonteante que envolvia o seu coração amoroso, não sabia que fazer. Sentia apenas que era delicioso apertar contra o seu peito aquele corpo fresco e palpitante.

A noite vinha descendo entre brumas misteriosas; as navens brancas, leves, que, durante o dia, na linha do horizonte adaejavam suavemente, tingiam-se ao poente de rosa e ouro, cobriado-se, por fim, de cor sangrenta e sinistra. De pé, ele passando-lhe o braço protector sobre os ombros esculturais, contemplaram em silencio o morrer trágico do sol. Depois, sempre recolhidos num mutismo doce, regressaram a Lisboa, separaram-se sem ao menos combinar o encontro na praia para o dia seguinte.

Jorge Antunes, fumando um cigarro fino de perfume oriental, revia todas as scenas encantadoras do dia, sonhador, confiante num futuro luminoso. Subitamente, quando se resolvia já a recolher ao leito, algum bato à porta. Era certamente algum amigo que vinha importuná-lo no momento em que o seu espirito desojaria repousar, sereno, nos seus sonhos admiráveis. Molemente, deixou o mapple. Batiam novamente. Abriu a porta e...

CAPITULO VII

Reposo e calma

